

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVI Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

30 de Maio de 1913

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1239

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes



O MARINHEIRO — Triptico a oleo, de Constantino Fernandes — Adquirido para o Museu de Arte Moderna
(Veja Cronica Occidental)

CRONICA OCCIDENTAL

Ninguém perde ocasião de asseverar que é de dolorosissimo abatimento a fase por que vai passando a nossa nacionalidade. A opinião, tantas vezes repetida, já não acorda na nossa consciencia arripios pungitivos de amargura. A frase assoma-nos aos labios já inadvertidamente e vinca-os, como por habito, num rictus de ironia pacóvia. A opinião acabou por modelar-nos nesta attitude sceptica. E não desmanchamos esta attitude num gesto, numa expressão descomposta, por snobismo e por conveniencias de varia ordem.

As melhores iniciativas movem-nos ao riso espectante. Os projetos mais assisados deixam-nos indifferentes.

O inglés tem o sentimento profundo da sua individualidade. O alemão tem a

consciencia nitida da sua força. O francês, estatelado ha anos num abatimento quasi tão doloroso como o nosso, ergue-se hoje numa campanha entusiastica de rejuvenescimento nacional — que tem na guarda-avançada elementos como o altissimo espirito dum Maurice Barrès.

E Portugal? E' o que se vê...

Os nossos parlamentares só sabem agatanhar-se.

Não avesam argumentos, nem usam da razão.

Um sociólogo afirma que uma nacionalidade não pôde subsistir por mais de sete seculos, sem que tenha no seu seio, a agir eficazmente, elementos de renovação.

Não sabemos em que base se firmou aquele eminente sociólogo, para avançar opinião tão estranha. Se isto fôsse precisamente exacto, neste caso, tinha correspondido a Republica Portuguesa a uma necessidade nacional e social de ur-

gencia extrêma. Terá a Republica Portuguesa, no seu seio, elementos de renovação?

O nosso regimen ainda está no seu primeiro periodo constitucional. Uma resposta incontroversa, ainda, em consciencia, se não pôde dar.

Mas o que olhos pessimistas que saibam e queiram vêr, não podem apesar de tudo, deixar de notar, é este movimento crescente e magnifico da Literatura e Arte, em Portugal. E' isto que nos espairose singularmente do spectaculo doloroso e forçado da burlesca e triste comedia politica que se vai desenrolando.

Dia a dia, Poetas-Novos se alevantam sobre o murmurinho das multidões, cantando esperanças, derrubando, por um gesto magico, as muralhas enclausurantes da realidade, enlevando-nos, no arrojado dos seus estros, á aventura e con-

quista dos ideais mais belos. Cantam tristezas sem fim e flôres murchas de illusões — mas o nosso espirito alheiado a ouvilos, transfigura por encanto a Dôr-de-Viver numa contemplação estatica da Beleza que é fecunda de novas illusões e alegrias.

Tal é o poder suggestivo da Palavra. Uma arvore florida não morre, se um poeta lhe aspirou o perfume. Certo momento, o poeta evoca-a da nubelose da sua imaginação e dá um pouco do infinito da sua vida á arvore que morreu e resuscita-a em melodia e espirito.

Dia a dia, um novo Encantadôr da Prosa descobre aos nossos olhos maravilhados, um mundo real de observações e pensamentos.

Podemos não concordar sobre a natureza deste movimento literario — mas contestar não se pôde que ele existe e é magnifico e é exuberante.

Mas este movimento efervescente transborda nos demais campos da Arte. A musica é cultivada notavelmente. Organizam-se côros orfeônicos por todo o paiz.

Em Lisbôa, os saraus musicais são frequentes.

Os concertos distintissimos realizados no Teatro da Republica e no Salão da Trindade denotam um nobre esforço por levantar esta humilde nacionalidade da rudeza e observantismo em que tem vegetado.

As audições de canto sucedem-se ininterruptamente. Hontem, foi João Arroyo que conseguiu fazer ouvir a um publico selecto e entusiasta o seu bellissimo *Poema symphonico*. A'manhã, é Vianna da Motta que faz executar por uma orquestra escolhida a sua sinfonia *A' Patria*. E' esta uma obra das mais nobres e arrojadas intenções: acordar no coração da patria astenisada a energia vigorosissima de outr'ora. Segundo o grande musico confessa numa palestra que com ele entabolou um jornalista, o motivo da sinfonia surgiu no seu espirito quando, uma vez, de volta do estrangeiro, aportando a Portugal, os seus olhos se sentiram elevados no maravilhamento da nossa paisagem e ceu.

O nosso teatro está, por certo, decadente. No entanto, actôres notaveis e toleraveis ainda temos e por vezes, de longe em longe, um dramaturgo ou um comediôgrafo aparece ao lume d'agua. E á falta de optimos originaes, encomendam-se traducções que sendo aproveitaveis são mais proveitosas.

E se actôres suportaveis não tivessemos — que temos e distintos alguns — não nos queixaremos demasiado visto que sempre ha um empresario corajoso e temerario até — como o Visconde de S. Luiz de Braga — que faça remeter das estranhas celebridades de palco á discricção. Hontem, Loie Fuller. Hoje, Mimi Aguglia. A'manhã, Vitaliani. Ora, Le Bargy. Ora, Coquelin, Zaconi, Mounet Sully. Eu sei lá!

Exposições de Arte — topamos com ellas a cada passo.

No periodo do ano que ainda decorre — podemos dizer que não passa uma quinzena, sem que um salão particular se abra á curiosidade gulosa dos amadores. Aqui se descortinam caprichos de rendas. Ali se expõem almofadinhas bor-

dadas e desenhadas a primôr. Acolá se escancara uma officina de escultor.

Como o OCCIDENTE já noticiou, realizou-se no dia 15 do mês decorrente, com a assistencia de Sua Ex.^a o Sr. Presidente da Republica e outras entidades da nossa sociedade e politica e arte, a inauguração do palacete de Belas-Artes. Nele se efectuou a 10.^a exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Por lá andámos tambem, em amena divagação, braço dado com um velho camarada de luta e sonho.

A sala ampla é recortada por quatro divisórias.

A meio, em frente, num atrio disposto sobriamente á maneira de jardim, marmores soberbos erguem as linhas esculpturais a chamarem insistentemente e absorventemente a nossa alheada atenção.

Ao leme, de Francisco dos Santos, é um bloco de energia, rigido de vigôr e coragem, a recordar-nos o arranco rábido e escumante desse mar, que se revolta e freme ao longe, contra a dominação efectiva das nossas pequeninas caravelas.

Adivinha-se no vago a sombra esquelida dum Adamastor profectisando infortunios e victorias.

O naufrago, de Simões d'Almeida (Sobrinho), é uma attitude unguida de graça, abençoada de ternura.

O beijo que a mulher amada depô sobre a frente do naufrago, parece fazer recuar a morte. Os labios do moribundo sorriem quasi. A sua musculatura parece tensionar-se, por vezes, e temos o presentimento absurdo de que ele vai despertar do seu desmaio mortal.

A saudade, de Moreira Rato, é bem portugêsa. O seu abandono é recolhimento. A sua tristeza infinda tonalisa-se de doloroso prazer. E' um delicioso pungir, como diz o poeta. E um agradavel doloroso.

A pintura está notavelmente representada.

Os quadros vêem ao nosso encontro numa sedução cingente. Os nossos Mestres não formularam aqui desmentido ás afirmações precedentes.

Malhõa, apresenta aquelle dominadôr quadro transparecido de tanta realidade, a que tantas vezes o OCCIDENTE se tem referido, o *Retrato de Madame Garcia Sagastume*.

Columbano expõe o *Retrato do Maestro Augusto Machado*, quadro sobrio, dum estudo vigoroso, em que o talento torturado e ardente do maestro se revela de subito, no arqueado da frente e firmeza do olhar.

Carlos Reis tem uma tela de grande effeito — *Raios de Sol-ardente*. A terra parece abrasada. O pêlo fulgido dos bois reflete as ardencias do sol. As sombras das arvores chamam ao silencio e ao amôr. E o sorriso brincante naquella face linda de rapariga encanta-nos, seduz-nos.

A ápanha do sargaço, de Veloso Salgado, impressiona.

D. Emilia dos Santos Braga mostra-nos a carnção audaz da sua *Fumadora de opio*.

Ribeiro Christino da Silva apresenta-

nos uma deliciosa tela, cuidadosamente entretecida, intitulada *Serranias do Douro*. Em seguida adiantam-se até nós, vigorosos de audacia, ofegantes de originalidade, bizarros de forma, os Novos, entre os quais conseguimos distinguir Trigo, Saude, Viana.

Mestres e discipulos — muitos ha ainda que a nossa simpatia compreende e admira, mas a falta imperiosa de espaço limita por aqui as nossas considerações.

Não queremos, no entanto, finalizar sem relancear ainda um ultimo olhar de carinho a esse magnifico triptico de Constantino Fernandes — *O marinheiro*. E', por assim dizer, uma pagina emociante da nossa vida de lusiadas aventureiros.

Infelizmente, só muito de fugida e de leve podemos referir-nos a esse grande concurso internacional de hipismo que se realizou em Lisboa.

O nosso hipodromo regorgitou de concorrentes e assistentes. Naqueles dias limpidos e calorosos, parece que o nosso sol peninsular ateia nos animos a chama do seu entusiasmo eterno.

Nunca no hipodromo uma festa assim, se presenciou — tão brilhante e animada.

Mr. Du Costa, o distintissimo cavaleiro francês, foi acolhido gloriosamente pela multidão.

Os nossos afamados cavaleiros, Jara de Carvalho, Casal Ribeiro, Silveira Ramos, Sebastião da Cunha, mantiveram inalteravelmente os seus grandes credits.

D. Maria da Piedade Godinho conquistou de direito um logar honrosissimo neste concurso de provas hipicas internacional

ANTONIO COBEIRA.

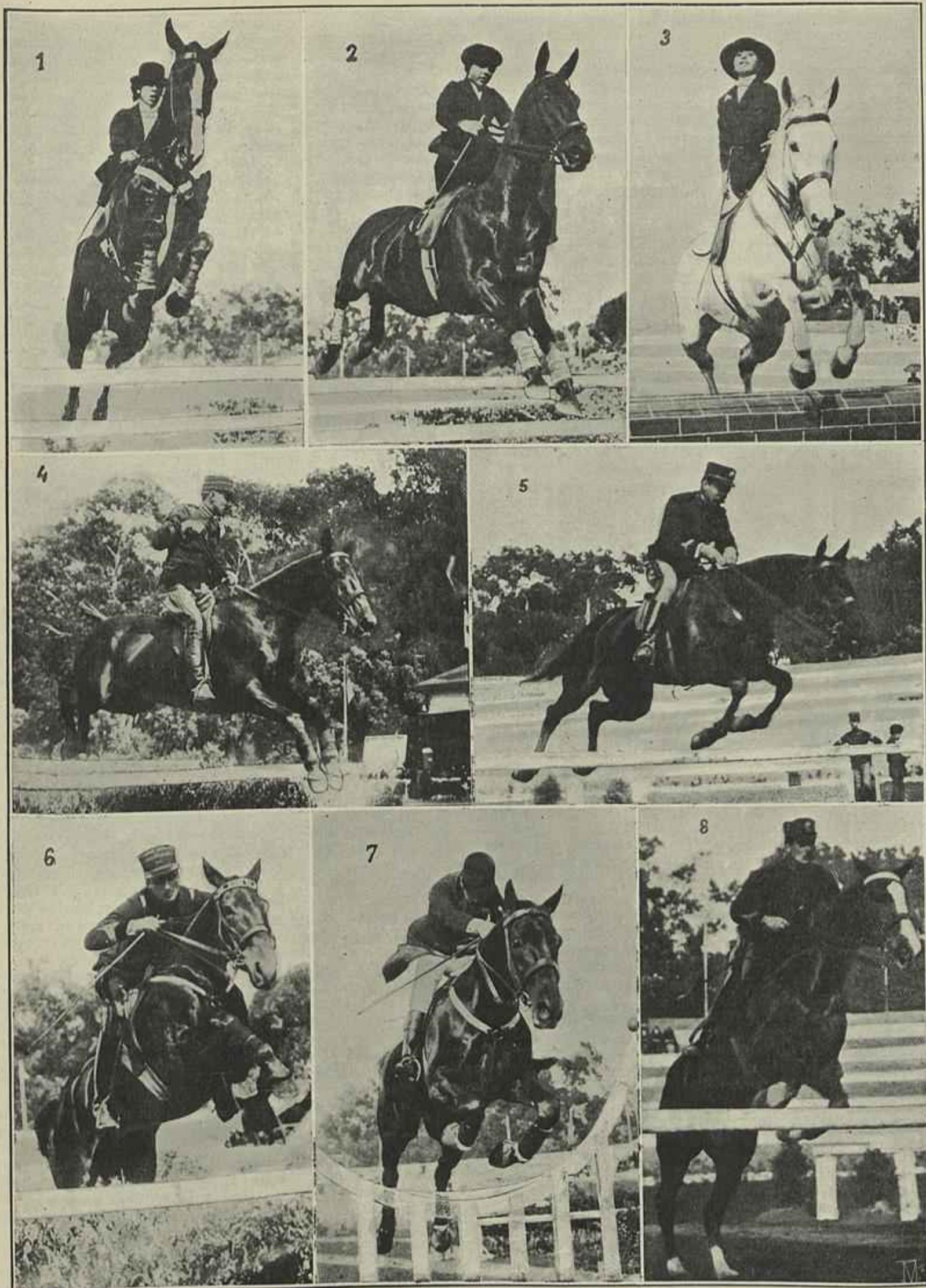
PELO MUNDO FÓRA

D'entre as festas promovidas em homenagem ao rei de Espanha durante a sua visita a Paris forçoso é registrar a *grande revista das tropas do ar*, com o concurso simultaneo de aviadores militares e civis, que numa soberba parada se reuniram no *aerodromo de Buc*. Devia ser surprehendente esse spectaculo de 100 aeroplanos a voar deante do monarcha espanhol, a que o general *Hirschanner* ia apresentando os respectivos aviadores, em que se comprehendiam 15 civis representando outros tantos fabricantes francêses de aeroplanos. Lá estava *Vedrine*, já conhecido do rei Afonso XIII, apoz o seu glorioso vôo de Paris-Madrid.

Aquella imponente parada de aviadores define bem o progresso francês neste ramo de defesa militar, cujos resultados praticos já ninguem ousa pôr em duvida.

Por isso a França, a exemplo do que fez a Inglaterra, está tratando de regular a circulação aerea, e já o ministro *Thierry* apresentou um projecto de lei a esse respeito, em que se apontam os progressos realizados pela aviação em França nestes ultimos cinco annos. O numero de diplomas de aviadores passados pelo *Aero-Club de França* foi de 17 em 1909, 328 em 1910, 359 em 1911

Concurso Hipico Internacional de 1913



CONCURSO DE AMAZONAS. — 1. D. Maria da Piedade Godinho, 1.º e 3.º premios — 2. D. Maria Manuela da Cunha Menezes, 4.º premio — 3. D. Maria do Carmo Reis, 2.º premio — 4. EQUIPES, capitão Velloso, no «Ariosu», 1.º premio — 5. NACIONAL, Jara de Carvalho, 1.º premio — 6. EQUIPES, Silveira Ramos, no «Sem Vergonha», 1.º premio — 7. ENSAIO, Martins de Lima, no «Bejajet», 1.º premio — 8. OMNIUM, Casal Ribeiro, no «Gantois», 1.º premio.

(Veja Cronica Occidental)

e 490 em 1912. O numero de aeroplanos construídos em França sobe a cerca de 800 em 1910, 1350 em 1911 e 1800 em 1912.

Desde 1910 que a aviação contribue gloriosamente para a defesa nacional e avultado é o numero de aviadores militares que rivalizam com os civis. Infelizmente são também numerosas as victimas que com seu sangue marcam as *étapes* d'esta marcha, havendo necessidade urgente de regulamentar a aerostação no interesse do publico.

A commissão que elaborou o regulamento em discussão teve em vista alterar o artigo 553 do código civil, de modo que o direito de propriedade do solo se não estende á atmosphera, que não é susceptível de appropriação privada, não podendo portanto os proprietarios oppôr-se ao vôo, mas devem ser protegidos contra os abusos, e gosar do direito de reparação por perdas e danos resultantes da *aterragem* dos aeroplanos. O projecto occupa-se da circulação dos aeroplanos, dos aeronaves particulares e publicos, dos que veem do estrangeiro. A circulação de aeronaves publicos estrangeiros é prohibida em França e nas colonias.

Por ter infringido a lei inglêsa sobre circulação aerea, teve que comparecer perante o tribunal correccional de Londres o aviador francês *Brindejonc*, que depois fez uma linda viagem, partindo de *Hendon* para Paris.

Em assumptos aereos temos a notar ainda as tentativas já feitas em Marrocos, em Madagascar e na Indo-China para incorporar os aeroplanos no serviço do correio. Temos já na Belgica o aviador carteiro, na pessoa de *Henri Crombez*, que se encarregou do serviço de distribuição accelerada entre *Gand* e *Bruxellas*.

O aviador suíço *Bider* fez a travessia dos *Alpes Bernoises*, voando de Berne a Sion, transpondo o grande massiço do *Oberland*. Passou a 3200 metros acima de *Weldhorn*, *Wildstonbel* e *Simmenthal*.

A França, celebrou ruidosamente o 484.º anniversario da libertação de *Orleans*. Foi em 1429 que *Joanna d'Arc*, *Pucelle*, essa ingenua pastora se poz á frente do minguido e desalentado exercito francês para levar a cabo o famoso cerco de *Orleans*, que terminou por uma formidavel derrota dos inglêses. Esse extraordinario e maravilhoso feito d'armas tem sido estudado sob os mais variados aspectos e por entidades de varias doutrinas religiosas e politicas, que concordam em que alguma cousa ha na inspiração da celebre *Pucelle* que transcende a comprehensão humana.

A cidade de *Orléans* todos os annos festejava a data da sua libertação; mas o brilho das festas diminuiu após a lei da separação, que impediu que os funcionarios publicos partilhassem d'essas manifestações.

Este anno, porém, essas homenagens a *Joanna d'Arc* assumiram maior importancia, talvez porque hoje mais do que nunca o patriotismo francês esteja posto á prova, e ninguem melhor do que a modesta camponesa de *Domrémy* symbo-

lisa e incarna os mais altos e sublimados sentimentos patrióticos.

Em *Orleans* se realizou um imponente cortejo historico, com personagens revestidas com trajes da idade média. Em volta da estatua equestre da grande heroína passaram regimentos de infantaria, artilharia, caçadores, etc. Milhares d'homens armados prestaram homenagem á estatua d'essa mulher que foi o exemplo inolvidavel e inconfundivel da coragem e da indefectivel fé no ideal que a inspirava — a salvação da sua patria.

Não menos brilhantes e significativas foram as manifestações realizadas em Paris, sob o impulso da *Liga dos Patriotas*, que tem por chefe *Paulo Dérouté*. Um enorme cortejo desfilou em frente da estatua de *Joanna d'Arc* na *Praça das Pyramides*, a qual ficou coberta de flôres. Notavel foi o discurso de *Maurice Barrès*, que disse que a festa de *Joanna d'Arc* deve no futuro ser a *Festa Nacional*.

« Cada um de nós, franceses, pode personificar nella o seu ideal. Para os realistas é ella o leal servidor que vae em auxilio do seu rei; para os cesarianos, é a personagem providencial que surge quando a nação d'ella carece; para os republicanos, é o filho do povo, que ultrapassa em magnanimidade todas as grandezas conhecidas; e até os proprios revolucionarios podem pô-la no seu estandarte, dizendo que ella appareceu como objecto de escandalo e de divisão, para afinal se tornar num instrumento de salvação. Nenhum partido é estranho a *Joanna d'Arc*. E porque? Porque ella é essa força mysteriosa, essa força divina d'onde brota a esperança.»

O sr. *Barthon*, presidente do conselho de ministros, no seu memoravel discurso-programma de *Caeu*, alludindo á celebração em honra de *Joanna d'Arc*, disse que o amor da Republica e o da Patria era uno; que era necessario unirem-se todos para saudar essa pura heroína que salvou a sua patria e que não pertence a ninguem. Nenhum partido pode reivindicar o seu monopolio, porque seria renegar, trahir, quasi prostituir a sua nobre missão, a sua gloria pura e immortal, o querer rebaixa-la em proveito dum partido qualquer. Por isso, republicanos e patriotas devem saudar com o mesmo respeito, com a mesma gratidão e com a mesma admiração essa *Joanna d'Arc* realista, que salvou a sua patria, e esses immortaes que, como *Hoche* e *Marceau*, serviram ao mesmo tempo a Patria e immortalizaram a Republica.

Estas alevantadas e justas referencias devem concorrer para que dentro em pouco a idéa do patriota *Barrès* seja um facto, e que a canonização já concluida da *Pucelle d'Orleans* venha a determinar a *Festa Nacional da França*.

Falta-nos o espaço para dizer o que foi a *Conferencia Parlamentar de Berne*, onde estiveram 150 senadores e deputados franceses e 33 membros do *Reichstag* allemão, aquelles presididos por *Estournelles de Constant* e estes por *Be-*

bel. O seu fim principal foi o destruir quaesquer resentimentos existentes entre os dois paizes, repudiando toda a solidariedade nas detestaveis campanhas *chauvines*, e appellando para o bom senso e patriotismo dos povos. Teve caloroso apoio a proposta de *Bryan*, secretario d'Estado da America do Norte, relativa á arbitragem, de modo que os conflictos que porventura surjam entre os dois paizes e que se resolvam pela diplomacia, sejam submettidos á arbitragem da *Haya*. E. de *Constant* disse que esse constante augmento de armamento que caracteriza as duas nações, longe de ser uma garantia de paz, constitue um perigo universal. Leu-se um longo manifesto dos socialistas d'aquem e d'além *Rheno*, em que se reeditavam as resoluções dos congressos internacionaes, manifestando-se pela approximação entre a França e a Alemanha, como o meio mais efficaz de conjurar os perigos de guerra europeia. Um accordo da Alemanha, da França e da Inglaterra traria a paz duradoura, base essencial do progresso da humanidade.

Ficou organizada uma commissão permanente com séde em *Bale* que terá por fim resolver todas as questões que venham a surgir entre as duas nações.

Ao mesmo tempo que a idéa pacifica era tão largamente defendida, o *Reichstag* allemão accitava o projecto de augmento de 200:000 homens no exercito. O parlamento francês discutia o serviço de tres annos, que causa grande descontentamento nos soldados, que anciavam pelo seu regresso ao lar no proximo mês de outubro e que estão muito desanimados pela persistente e assaz grave propaganda anti-militarista. Surgiram já as sedições em alguns regimentos de *Belfort*, *Reuilly* e *Toul*. Os soldados sahiram para a rua a cantar a *Internacional*!

A Alemanha decerto rejubila com estes dolorosos acontecimentos; mas vae esmagando a Alsacia-Lorena com novas medidas tendentes a destruir-lhe a afeição pela França, que parece avigorar-se e radicar-se cada vez mais. Prohibe-se agora a circulação de impressos em lingua francesa e dissolvem-se todas as sociedades que pela sua acção ameacem a segurança ou a paz publica.

Parece porém que entre a Alemanha e a Inglaterra se accentua uma certa approximação. E' d'isso exemplo o perdão agora concedido pelo imperador *Guilherme II* a tres prisioneiros inglêses condemnados por espionagem: os officiaes de marinha *Trench* e *Brandon*, e o advogado *Stewart*.

E' na Alemanha que se reúnem agora os primeiros monarchas da Europa, com o fim de assistir ao casamento da *princesa Victoria Luisa*, filha do imperador *Guilherme*, com o filho do Duque de *Cumberland*. Este casamento vêm pôr termo a rivalidades que ha muito existiam entre as duas familias.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



As religiões só sobrevivem pela arte, porque só ella torna os Deuses verdadeiramente immortaes dando-lhes forma. — (*Eça de Queiroz*).

Folheando a história

(Concluído do numero antecedente)

As doutrinas absurdas do bramismo, o regimen intoleravel das castas, o estado vexatorio do povo, as suas desgraças e miserias levaram Sakia-Buda, o sabio ou o solitario, 600 anos antes de Cristo, a empreender uma reforma religiosa e social em que se insurge contra a autoridade dos Védas, substituindo-a pelo racionalismo; condena a distincção de classes, proclamando a igualdade e procura remediar os males publicos por meio de leis equitativas e justas. E' um verdadeiro Lutero do Oriente cujas doutrinas simpaticas e coerentes, prégadas com tanta abnegação, depressa, se espa-

China, onde, hoje, impéra, como no Japão, Indo-China e Ceilão, professada por centenas de milhões de adeptos.

Segundo a filosofia budista, espirito e matéria acham se eternamente unidos, aspiram á felicidade que consiste no repouso absoluto, no extase mental. A pratica rigorosa da moral e da humildade será a grande conducta do homem. Mais racional, mais pura e, por conseguinte, mais humana, a religião de Buda triunfou sobre os misteriosos e despóticos preconceitos do bramismo. Préga a caridade, a fraternidade e a tolerancia e isso basta para conquistar simpatias e adquirir sectários sinceros e fervorosos.

Ha nada mais invejavel que a tranquillidade de espirito, mais nobre que a vitória sobre as paixões e desordenados desejos, mais tocante que o reconheci-

naturalismo; para inteligencias esclarecidas e de-preocupadas, o dogma é um verdadeiro sacrificio da razão que só poderá admitir-se quando a lei de que é fundamento representa elementos de aperfeiçoamento moral, tendentes a modificar as asperezas da vida e a tornar, como consequencia, a sociedade mais feliz. A vida é, na sua nudez, uma luta feroz em que o egoismo tudo procura avassalar, um conjunto de paixões insofridas explodindo temerosas; se não se ouvir a voz calma acordando, no coração humano, o que éle tenha de bom, se não se sentir a força enfreado os desmandos da tendencia ruim, a humanidade precipita-se no mais tremendo dos abismos:—no abismo de si mesma.

Para o perfeito equilibrio moral, é insufficiente a sciencia que, apenas, ilumi-



NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES. — O BANQUETE DE CONFRATERNISAÇÃO DOS ARTISTAS-EXPOSITORES
(Cliché Benoliel expressamente tirado para o «Occidentes»)

Para festejar a inauguração da nova casa da Sociedade Nacional de Belas-Artes, que se realisou no dia 15 do corrente com a abertura da sua 10.ª exposição de arte, reuniram-se os artistas expositores, em numero de 43, em um banquete que se realisou no salão principal das festas, em a noite de 16. Na mesa central tomaram lugar, por convite da direcção, os artistas mais velhos presentes, ocupando o centro o sr. Adões Bermudes, presidente da assembleia geral, sr. Veloso Salgado, presidente da direcção, seguindo-se á direita os snrs. Columbano Bordalo Pinheiro, Roque Gameiro, João Vaz e Carlos Parente e á esquerda os snrs. Moura Girão, Ribeiro Cristino, Frederico Ribeiro e David de Mello, sentando-se os restantes artistas sem procedencias estabelecidas.

O banquete decorreu muito animado e ao champagne o sr. Adões

Bermudes fez o primeiro brinde ao presidente honorario da Sociedade sr. Dr. Manuel de Arriaga, o qual foi unanimemente correspondido, seguindo-se brindes aos grandes mestres Simões de Almeida e Luis Monteiro, aos snrs. Alvaro Machado e Frederico Ribeiro, que deliniaram e executaram o edificio da Sociedade, ao sr. Carlos Parente, que representava a Camara Municipal de Lisboa, á imprensa, seguindo-se ainda outros brindes a diversos artistas.

Foi uma verdadeira festa de confraternisação entre tantos artistas de talento que corajosamente tem trabalhado pelo resurgimento da arte portugueza, e que unidos num mesmo ideal, muito poderão ainda conseguir, como já vão realisando, na brilhante exposição que toda Lisboa tem admirado, inaugurada num edificio proprio dos artistas.

lharam pelo Indústão, criando numerosos prosélitos, a ponto dos brâmines procurarem opôr um dique á onda invasora do budismo, ordenando a expulsão do apostolo rebelde e de seus sequazes. De facto, Buda, obrigado a deixar o torrão natal, estabeleceu-se no extremo oriente e, aí, continuava a sua prégacao que, sem atritos, se divulga por toda a

mento da propria fraqueza? Que procedimento mais belo que o da benemerencia, do amor ao semelhante, da generosidade para com todos? Nestas bases de tanto altruismo, se fundou, mais tarde, o cristianismo, a doutrina mais sublime que tem despontado na face da terra.

Não devem as religiões ser, apenas, um tecido de doutrinas de mero sobre-

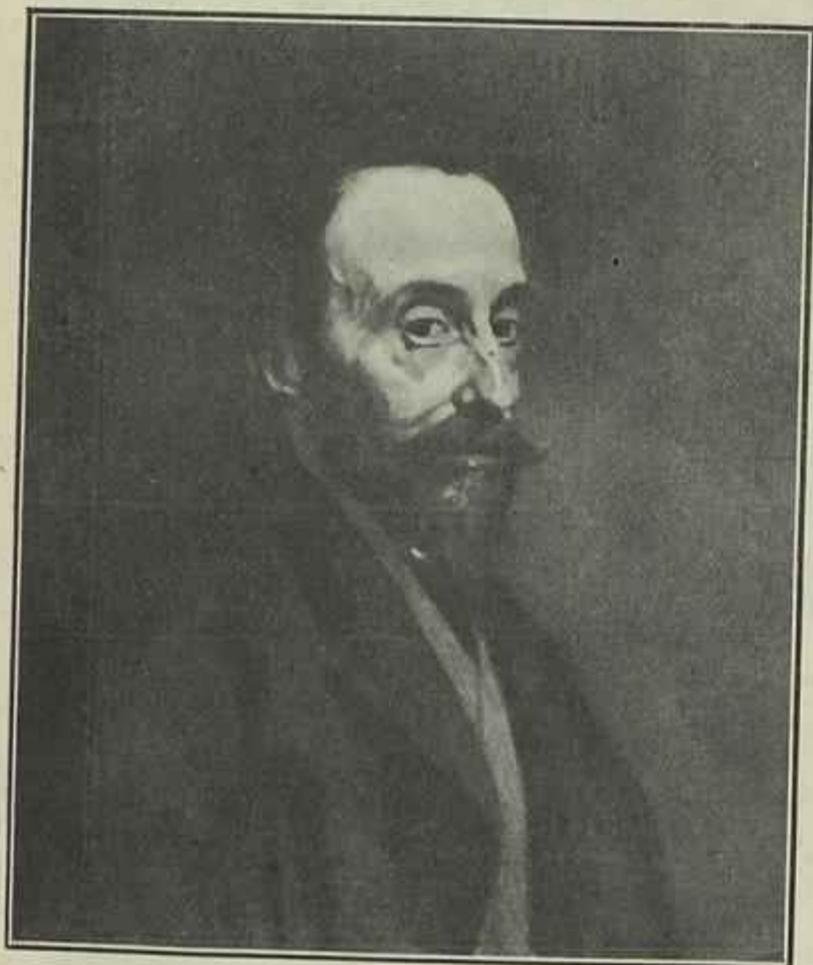
na o cerebro, como a arte que, só, pule a sensibilidade; é indispensavel a lição do bem, da virtude, insinuando se, porque só esta poderá converter o instinto ferino em sentimento humano. Tal é a missão religiosa, embora, depois, para remate da sua obra, nos fale do que não é deste mundo de imperfeições, mas de um outro que será a suprema justiça.



RETRATO DA EX.ª SENHORA D. ROSA NOBREGA
Quadro de A. Alves Cardoso



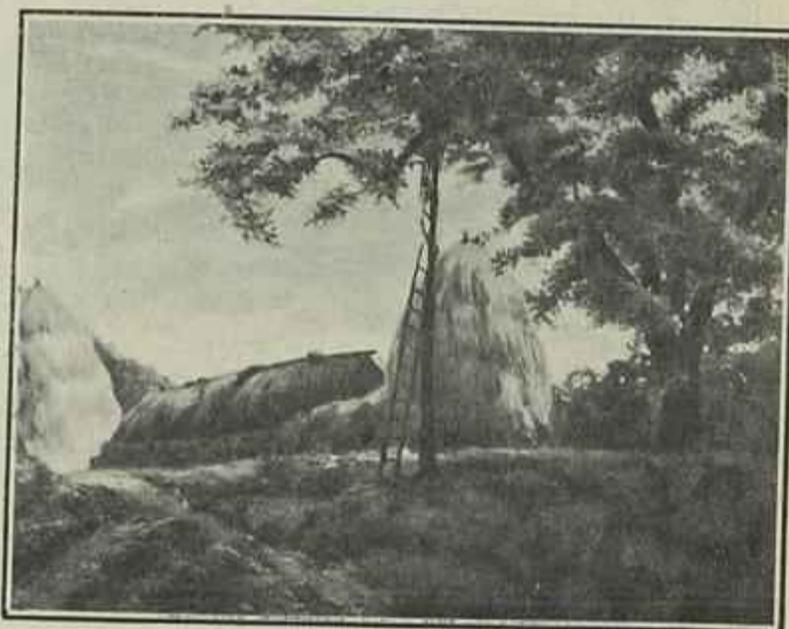
AS CEBOLAS
Quadro de J. Malhoa — Adquirido pelo ex.ª sr. Carlos Seixas



RETRATO DO MAESTRO AUGUSTO MACHADO
Quadro de Columbano Bordallo Pinheiro

Confrontando, pois, a indole da doutrina bramânica com a indole da doutrina budista, encontramos, na primeira, o predomínio de um idealismo exagerado e de um panteísmo inadmissível. No *Vedanta*, por exemplo, a mais moderna interpretação védica, nega-se a realidade da materia e das existencias individuais e chega-se á irreductivel conclusão: «Só Brama existe, tudo o mais é ilusão»

Na segunda, budismo, depara-se-nos uma preocupação com respeito ao exemplarismo da vida terrena, embora exigente, mas consentaneo á mais escrupulosa moral, inculcando a felicidade como termo de todas as aspirações e terminando por



DIA TRISTE — MINHO
Quadro de F. Ayres



SERRANIAS DO DOURO (BARQUEIROS)
Quadro de J. R. Christino da Silva

Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes

recomendar a grande virtude da tolerância de que, principalmente, depende a harmonia social.

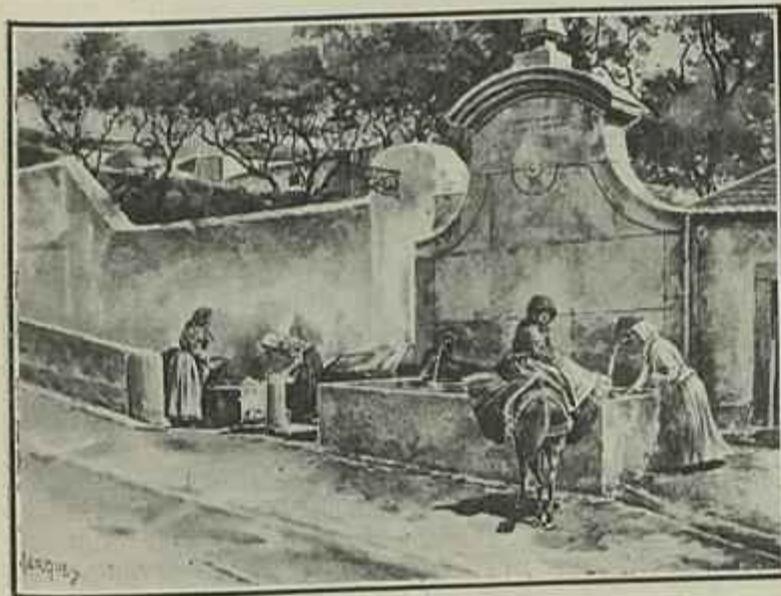
Em todos os povos e em todos os tempos, a religião tem sido objecto de estudo. Na realidade, merece-o porque a religião é uma das mais importantes instituições sociais não tanto pela sua índole teológica e dogmática como pelo seu alto valor moral, definindo o viver dos povos.

No estudo das religiões, a razão ou se conforma com a crença, ou dela se liberta ou segue sistema mixto.

E' o que presenciamos na India. A ortodoxia manifesta-se no *Vedanta*, livro que se atribue a Viasa e que, com o maior acatamento, se submete ao espirito da fé. Todavia o exclusivismo obsecra-o sendo mais vedantista que os proprios Védas ao julgar Deus entidade unica e tudo que elle não seja, mera ilusão. Da teologia védica, deprende-se que



A' TONA D'AGUA. — Quadro de David de Mello



CHAFARIZ DE LINDA A VELHA. — Aguarela de João Marques



COSINHA DE ALDEIA. — Quadro de L. Calderon



LUGAR DA PEDRA AMASSADA (ARREDORES DE MAFRA) Aguarela de J. Alves de Sá

embora Brama seja a substancia fundamental, principio de tudo, criara entidades diversas, como os elementos, a alma crédora de premio ou castigo, as classes sociais; mas, pelo raciocinio absurdo e contraditorio de Viasa, tais entidades nada são e, por conseguinte, elle proprio, o immortal filosofol, nada é com a sua singular doutrina.

A heterodoxia traduz-se na seita de Sakia, que é um verdadeiro livre exame, lançando por terra todo o edificio bramânico e substituindo uma doutrina falsa e cheia de preconceitos, por um sistema de vida, destinado a desenvolver, no coração humano, os sentimentos altruistas pelo desapêgo dos bens da terra e pela dedicação e respeito pelo semelhante.

A ventura, o supremo bem estar não consiste nas riquezas, nos prazeres, nos bens materiais, mas sim na satisfação da propria consciencia, nesse gozo espiritual que nos dá o dever cumprido, a pratica exclusiva

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

*(Versão livre autorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))*

Primeira parte

II

NOCTURNO A DUAS VOZES

(Continuado do numero antecedente)

O gravador no meio da sua familia, fazia pensar em certos quadros de pintores antigos, que traduziam os interiores dos lares.

Estava ligado á sua familia como a uma cidadella de afeição, em que o seu espirito independente e investigador procurava sempre ideias novas. Elle dentro do dominio do seu cerebro, tinha ideias d'um revoltado, abafadas pelo amor ao trabalho e á familia. Foi em 1870 logo que a guerra foi declarada, que o seu nome foi chamado ás fileiras. Tinha sido soldado, durante a paz, mas o seu genio indignava-se em gastar o seu vigor juvenil nos exercicios da parada. Mas quando a sua consciencia se encontrou na presença de matar ou morrer por causas politicas onde a humanidade em uma especie de barbaria, reunia as suas bellas aspirações de progresso fraternal, a sua alma generosa resolveu abster-se. Abandonou a sua arma e passou para paiz neutro. Desertou. Depois pensou nos seus companheiros, na sua cobardia. Mas quando consultou a sua intelligencia, disse que a servidão militar em tempo de paz é um facto condemnavel no campo da batalha, conduz ao crime. Elle tinha duas vezes na sua mocidade revelado, que não tinha medo da morte. Sabia afrontar a morte para a salvar depois. Refugiou-se na Belgica e na Holanda. Allí viveu dos seus desenhos para revistas e livros, luctando com a maior miseria. Esta epoca foi decisiva para a sua arte. A escola dos gravadores de Munich que tinha adquirido uma notavel precisão no traçado das linhas paralyzara a sua habilidade.

Soffria a influencia artistica d'uma capital onde, sob um ceu cinzento, anachronismo de costumes e illogismos de climas, todo o esforço se reduzia em uma imitação fria do antigo. Não se vivia allí por entre ruinas, mas entre simulacros.

Steinbaum desdenhava os nobres modelos flamengos, italianos e allemães, cujas obras primas enchem os museus, para atrazarem a reproducção das telas e dos frescos de Cornelius e das Kaulbach, vastas pinturas convencionaes d'um symbolismo obscuro, d'uma metaphysica doutrinal, d'um fabulismo sem poesia.

Entretanto, na occasião em que Steinbaum deixava a sua patria, a amizade de Wagner descobria ao espirito mystico de Luiz II da Baviera a ardente esthetica de que o rei sonhava.

Steinbaum pressentira o acontecimento e saudou a promessa.

Nas galerias da Belgica e da Hollanda a contemplação dos Lucas de Leyde e dos Rembrandt ensinaram-lhe a leveza, a verdade, a invenção, as riquezas e a economia da luz. Livrou-se da cerviz da co-

pia e pensou em fazer coisas novas, em realisar o seu pensamento pela gravura.

Alguns annos depois, chegado a Paris, na força do seu talento chamou a attenção dos amadores de estampas para uma *agua forte* bellamente illuminada cujo heroe, guarnecido por uma chama divina, apparecia como Jesus entre os discipulos de Emmaüs, aos seus amigos, silenciosamente attentos no mysterio da sua obra. Michel'Angelo comprehendeu a figura de Beethoven, tal como Steinbaum. Elle pagava o seu tributo de reconhecimento ao maior genio musical de todos os tempos. A musica tinha encaminhado a sua mocidade.

Steinbaum tinha conservado cartas e relações com alguns camaradas de Munich e sobre tudo com a filha d'um dos seus professores, Lisbeth Krantzgarten, á qual tinha dedicado todo o seu coração.

Ella amava-o como Margarida a Fausto, com todas as forças da sua alma simples. Steinbaum correspondia-lhe de igual forma, o unico sentimento amoroso da sua mocidade reflectida e estudiosa. Era a flôr perfumada das suas recordações passadas, da sua epoca de rapaz.

Tornada orphã, foi para França para casa de seu amigo Rudolpho. Este recebeu-a com toda a ternura; levava-lhe em uma palavra, em um gesto todo o encanto da terra natal, toda a poesia que faz a ausencia. Teria dias felizes. Da sua união amorosa não consagrada pelo casamento impedido ao principio pelas formalidades e recusas familiares, nasceram em um anno de intervallo dois filhos que Lisbeth educou.

Depois d'alguns mezes de Paris, Lisbeth teve a nostalgia da Baviera. Steinbaum deu-lhe a permissão de lá ir. Mas em breve voltou para junto de Rudolpho e dos filhos. Na estação do caminho de ferro, elle teve a illusão que o vestido da mulher lhe trazia um pouco a atmosfera da patria. Ella fallou lhe muito de Munich, e das respostas que obteve elle bem viu que era apenas sensível ao exterior das coisas, mas conseguiu poder sondar o que a sua alma não soubéra ver.

Compatriotas de passagem em Paris o incitaram; uma bella estampa do *Orpheu* de Gustavo Moreau, o poz em evidencia. Vinham-no procurar para lhe pedir conselhos e saberem das tentativas da escola de Munich pela independencia. Steinbaum disse-lhes que trabalhava em uma serie de estampas, transcripção d'um sonho philosophico.

Porém um contratempo retardou o cumprimento d'este projecto. Uma noite, Lisbeth cahiu pela escada tão desastrosamente que ficou com as pernas partidas. Steinbaum teve que se occupar dos arranjos da casa, dos filhos e da mulher. A' força de tantos carinhos, Lisbeth esquecia-se da sua doença e assim passava os dias com relativa tranquillidade. Não podendo dedicar-se, como desejava, aos cuidados da casa, começou a collaborar nos trabalhos artisticos de Rudolpho. Bella companheira de gravador, ajudava Steinbaum em talhar a madeira para os desenhos das illustrações. Assim, Lisbeth ia poupando muito tempo aos trabalhos de Steinbaum.

(Continúa.)

do bem. Religião humana, culto simples e coração limpo, eis em que se cifra o racionalismo indiano, emancipando-se de tutelas teologicas.

Finalmente, a orto-heterodoxia consiste na aliança da razão com a fé e acha-se exarada nos trabalhos de Kápila, Kánada e Gótama.

Pretende que os principios de todas as cousas sejam a materia e o espirito que, dela, se deriva. Nega a existencia de um deus distinto e exterior ao mundo; este regula-se por uma alma propria que, com elle, nasceu e, com elle, deve acabar. Não admite causas mas sim efeitos.

A alma dotada de attributos proprios é diferente em cada individuo; aperfeiçoa-se desligada do corpo e das cousas sensíveis e; assim, alcança a felicidade que só se completa depois da morte, transmigrando no caso em que seja pecadora. Os corpos são constituídos por átomos homogéneos que se agregam por uma força superior, segundo leis invariaveis.

O conhecimento destes principios, que se obtém pela sensação, indução, analogia e testemunho, é a verdadeira sciencia, o mais precioso tesouro.

De tão originaes principios, é digno de frisar-se o que nega a causa para só vêr o efeito.

Concluiremos, portanto, que não houve criação, pois o que não existe nada produz.

Apesar dos absurdos e erros grosseiros que tanto prejudicam a filosofia da India e de que, em boa justiça, lhe não podemos imputar a inteira responsabilidade, por não ser facil, apóz tantos séculos, determinar se são proprios se adquiridos com o correr dos tempos, é inegavel que essa filosofia é uma sintese curiosa e que muito se relaciona com as primitivas tradições.

Assim, Brama, ser infinito, revelando-se em três entidades distintas, criando a luz, as aguas e as terras, formando o homem do lodo, collocando-o num pais de venturas, onde havia uma arvore cujo fruto dava a immortalidade a uma serpente cujo veneno infeccionou a humanidade inteira; Siva pretendendo submergir o genero humano que Visnú salva na pessoa do seu confidente Satiavratí, tudo isto é uma reprodução, com uma simples differença de pormenores, do Génesis.

Como reproduções tambem da tradição biblica, são, na Grecia, o diluvio de Deucalião, salvando-se com sua mulher Pirra no alto do monte Parnaso e a célebre tentativa dos gigantes sobrepondo montes para escalar o ceu, não lhes sendo confundidas as linguas, como na famosa Torre de Babel, mas esmagados por Jupiter debaixo dos mesmos montes.

Donde, afinal, se conclúe que, em todos os povos, existem as mesmas ideias fundamentais com respeito á formação do globo e tempos primitivos, embora, depois, cada um desses povos imprima uma feição particular a essas ideias, segundo o espirito da religião que professe.

Por aqui, terminaremos as nossas modestas divagações sobre a efflorescencia religiosa da India, cuja vida de espirito se revela tambem numa literatura, considerada, pela sua originalidade e largo fôlego, como a mais importante da Asia.

DAMASCENO NUNES.

Uma festa no Colegio Roussel



GRUPO DAS CRIANÇAS QUE REPRESENTARAM «A GATA BORRALHEIRA»
— «O BATISADO DA BONECA»



MENINAS QUE REPRESENTARAM A COMEDIA «MARQUÊSA IMPROVISADA»

No Colegio «Roussel» realizou-se uma elegante festa das alunas a que assistiram suas familias e mais pessoas convidadas. Houve concerto e a representação de varias peças como a «Gata Borracheira», «O Baptizado da boneca» e «Marquês Improvisada», em que tomaram parte as meninas, Ofelia Santos, Francisca Ferreira, provisadas, Nelly Cohen, Luiza Silva, Gloria Aparicio, Clarinda da Camara, Conceição Bravo,

Maria J. Santos, Gertrudes Vidal, Edith Vidal, Ligia Vidal, Henriqueta Lopes, Alda Bastos, Emilia Rato, Helena Cagigal, Sofia Sirgado, Julieta Fernandes, Sô a Santos, Irene Mota, Silvia Carneiro, Emilia Santos, Leonor Amorim, Conceição Pereira e Elisa Carneiro. Todas as interpretes foram muito applaudidas, assim como as executantes da parte musical e a menina Maria Amelia Ribeiro, na recitação da poesia «Le cri-cri».

A conferencia sobre o Theatro Nacional e a Convenção Litteraria de Berlim pelo sr. dr. Augusto de Castro

Realizou-se no domingo ultimo, no salão nobre do theatro Nacional, Almeida Garrett, a conferencia do sr. dr. Augusto de Castro, professor d'arte dramatica do Conservatorio e presidente da administração d'aquelle theatro, tendo por assumpto o theatro nacional e a convenção litteraria de Berlim.

A' hora marcada, dava entrada no salão o sr. Presidente da Republica que tomou lugar em rica poltrona dourada junto do estrado, á direita do conferente, e pouco depois o sr. presidente do ministerio e ministro do interior que se sentaram á direita do Chefe do Estado.

Os logares do salão e da galeria viam se completamente occupados por elegantes damas da nossa melhor sociedade, por altos funcionarios, representantes dos principaes jornaes e escriptores, homens politicos entre os quaes o sr. José d'Alpoim e muitas outras pessoas de representação.

O illustre conferente começou analysando a convenção de Berlim sobre todos os pontos de

vista, pondo em relevo as desvantagens que d'ahi nos resultavam em confronto com as que se concediam. Demonstrando cabal conhecimento de toda a legislação relativa ao assumpto, que historiou com a maior lucidez, descreveu a penuria a que estiveram sempre reduzidos os homens de letras, apesar de empregarem dedicados esforços, produzindo obras destinadas á restauração do theatro portuguez.

Tratou largamente de outras infructiferas tentativas para obtenção de tratados com a França e o Brazil e finalmente das diligencias de Garrett no ultimo periodo da sua vida politica para o conseguir.

Não deixou porém de fazer sentir quanto foram modestas e mesquinhas as concessões obtidas pelos autores dramaticos que consagravam os seus trabalhos no louvavel intuito de sustentar os bons creditos do theatro nacional.

Uma escassa percentagem sobre as receitas obtidas com os espectaculos, era a unica recompensa estipulada, além da faculdade de assistir a elles durante certo periodo.

Ainda se aquelle theatro tivesse as dimensões da Republica, em que a receita avulta, essa percentagem, seria, senão de largo incentivo, pelo menos, compensadora.

O theatro normal tinha por tanto n'aquelle tempo, o rendimento bruto pouco superior a

400\$000 réis e a sua despeza por noite, não era muito reduzida. De modo que o escriptor que se dedicasse sómente ás composições dramaticas, para levantar do abatimento o theatro portuguez, morria necessariamente de fome, como judiciosamente ponderou o illustre conferente.

Uma das transformações de que aquella casa de espectaculos carece, a nosso ver, é a do alargamento da sala, afim de poder receber maior numero de espectadores, buscando-se por esse modo o augmento de receitas para recompensar mais dignamente artistas e escriptores e proporcionar logares baratos a espectadores menos abastados.

E' de evidente importancia para perfeito conhecimento da arte dramatica, a divulgarição d'estas excellentes conferencias em que se põe a claro, ante os olhos do publico, o que foi a infancia da arte entre nós, como depois da que o sr. Queiroz Velloso effectuou no sabbado, no palco do theatro, a scena se transmudou para em consciencioso desempenho, resurgirem n'ella dois trabalhos de Gil Vicente, o fundador do theatro nacional, adaptados com esmero por dois modernos, distinctos e applaudidos dramaturgos, os srs. Lopes de Mendonça e Marcelino de Mesquita.

O engenho creador do poeta, revelou-se nos limites de ingenua simplicidade, pela satyra ani-

mada e mordaz aos defeitos, vícios e costumes do seu tempo, como um animatographo em que se reproduzisse um trecho de opera com o auxilio do gramofone.

Que atraso porém o nosso se a esses trabalhos comparassemos *La vida es sueño*, de Calderon de la Barca, quasi contemporaneo de Gil Vicente, tão fina no entrecho como no dialogo, em scenas traçadas por mãos de mestre, ainda hoje apreciadas pelo theatro hespanhol.

D'aquella epoca para cá, tudo que se foi produzindo até ás peças de Antonio José, o Judeu, no theatro do Bairro Alto, onde os papeis do sexo fragil eram desempenhados pelo sexo forte, sem que no espirito de tolerancia do tempo fossem prejudicados os efeitos das grandes sensações que attraíam ao templo erecto nas modernas cocheiras da companhia de carruagens lisbonense, toda a nobreza da capital do seculo xviii, limitadissimo foi o impulso que acusou a arte dramatica.

A seguir, ás pugnas litterarias no theatro da Rua dos Condes onde D. João VI ao dormir na tribuna no fim do 2.º acto, depois de sorver a pitada de rapé que tirava da algibeira do collete, despertava ao estrondo que o padre José Agostinho de Macedo, munido do gral de almofariz, batendo nas bancadas, fazia para fulminar as tragedias apresentadas por Bocage em contraste com as suas.

Mais tarde, as recitas no theatro do Salitre, junto á velha praça de touros, onde depois veiu a recrear se nas tardes de verão com as pantomimas de D. José Serrate e os fogos de artificio de José Osti, o pacato povo de Lisboa.

Desvanecido o gosto pela tragedia, começou o Salitre a attrair o publico com a versão das peças que despertavam maior interesse em França. *O naufragio da fragata Medusa*, *O carrasco de Amsterdam*, *O homem enfasiado*, em que se salientavam, Gusmão, que foi morrer ao Brazil, o Pereira que veio com Moniz acabar no Gymnasio, onde fazia morrer de riso no *Misanthropo* do Dr. Paulo Midosi, e Domingos no D. Maria onde chegou a desempenhar em 1859 o protagonista de um original meu em 3 actos *O amar e o Dever*, ao lado de Manoela Rey e de Emilia Adelaide.

Adoptado o mesmo genero do Salitre, surgiram na Rua dos Condes os dramas de *Capa e Espada*, *O rei e o aventureiro*, *O tributo das cem donzellas*, *A Torre de Nesle*, *Os dois renegados* e as farças *Dr. Sovina*, *As luvas amarellas* e *a salaio*, tendo por ensaiador, o primeiro mestre do nosso theatro, o actor francez Emilie Duru.

E tão proveitoso foi o seu ensinamento que logo começaram a revelar-se as brilhantes aptidões de Epiphanio que lhe succedeu habilmente, de Emilia das Neves, Theodorico, Rosa, Victorino e Sargedas com que Almeida Garrett poude contar para produzir a regeneração do theatro nacional que tão gloriosamente conseguiu, tendo por interprete no *Frei Luiz de Souza*, no *Alfageme*, na *Sobrinha do Marquez* e outras peças do mais fino sabor litterario — Epiphanio, ensaiador insigne e primeiro comico condecorado em Portugal com a cruz de Christo pela rainha D. Maria II, Rosa, Tasso, Theodorico, Victorino, Sargedas, Emilia das Neves, Josepha Soller, Talassi, Maria da Gloria, Barbara, Gertrudes, Delfina e Carolina Emilia.

Foi este decididamente o periodo de maior florescencia do theatro portuguez a que deram successivamente brilho, Mendes Leal, Camillo Castello Branco, Andrade Corvo, Antonio de Serpa, Costa Cascaes e Ricardo Cordeiro com o *Martim de Freitas*, *Flóres e Fructos*, *Herança do Chancellor*, *Miramar* e *Morgado de Fafe*, *Alegria traç o susto*, *Um conto ao serão*, *Dallila*, *Alcaide de Faro*, *Moleiro de Cascaes*, *Nem russo nem turco* e mais tarde, Pinheiro Chagas com a *Morgadinha*, composições muito dignas do apreço com que o publico as recebeu.

Logo que a restauração do genero dramatico começou a operar-se, tornou-se necessaria a exploração de outros e por isso o antigo barracão da Trindade se transformou em theatro do Gymnasio, as ruínas de uma egreja do Largo de Santa Justa, em theatro de D. Fernando, o Salitre em theatro de Variedades e n'elles se crearam artistas que obtiveram grande reputação. Queiroz, Antonio Pedro, Isidoro, Carlos dos Santos, Brêa, Marcolino e Cesar de Lima.

As peças phantasticas, magicas e revistas do anno, chamavam a attenção do publico. Garrido estreitava-se com a *Pera de Satana*, Francisco Palha com as *Pilulas do Diabo*.

No Gymnasio, Taborda triumphava no genero alegre e folgasão, desafiando a gargalhada franca nas scenas comicas do *José do Capote*, no *Amor pelos cabellos*, na peça burlesca — *A velhice Namorada implorava sorrhada*, e Braz Martins, Isidoro, Carlos dos Santos, Simões, Valle, Emilia Letroublon, E. Camara, Anna Cardoso e Emilia Candida, nas comedias dramas do actor-autor Cesar de Lacerda tanto em voga n'aquelle tempo.

Não bastava já essa apeteccida variedade de generos.

Francisco Palha, o escriptor mais conhecido das cousas de theatro desse tempo, vendo o exito das companhias de zarzuela contratadas para o circo de Price, fundou uma sociedade que edificou o theatro da Trindade, onde em pouco tempo o *Barba Azul* e a *Gata Borracheira* obtiveram successo ruidoso. O habil director da empresa arrebatara do theatro normal já desanimado com a falta de Manoela Rey, e Emilia das Neves, os actores Tasso, Isidoro e actriz Delfina.



DR. AUGUSTO DE CASTRO

Logo a empresa Pinto Basto do Principe Real disputa-lhe primasias com a *Gran Duqueza* e a *Fonte dos suspiros*, chistosamente vertidas por Eduardo Garrido.

A Trindade porém suplantou-a com o esplendor do scenario e do vestuario, explorando as melhores obras do repertorio de Offenbach, dando-lhes magnifico desempenho, com artistas de primeira ordem que deleitavam as plateias com a sua graça, os seus chistes e harmonia das suas vozes, Anna Pereira, Florinda, Esther, Rosa Damasceno, Queiroz Augusto, Leone e Ribeiro.

D'ahi por diante, a decadencia do theatro normal, por que foi pouco duradoura a empresa societaria dirigida pelos actores Rosas e Brazão.

A empresa organizada pelo visconde S. Luiz de Braga, dividiu o grupo de artistas que ainda conseguiam dar vida ao desempenho dos seus papeis n'aquelle theatro e faltando a homogenidade succumbiu á mingua de recursos.

No meio do actual dismantelamento de companhias, só a acção do governo pode conseguir a unidade indispensavel para a exploração de cada genero.

O dramatico, no theatro Nacional. A alta comedia, no Republica. A comedia e a farça, no Gymnasio.

Applique-se o imposto das entradas nas casas de spectaculo, a subsidios a estes tres theatros e deixe-se livre a exploração de opera comica na Trindade e das magicas, revistas do anno e dramas phantasfados aos theatros da Avenida, Apolo e Rua dos Condes.

A escolha dos artistas indispensaveis a cada genero, seria feita pelos delegados do governo na superintendencia dos assumptos theatraes.

Como o desempenho viria a ser completo n'estas tres casas de spectaculos, destinadas a desenvolver o cultivo e progresso da arte!

As peças originaes adequadas a cada um d'esses generos, seriam representadas por ordem chronologica, achando-se em condições aceitaveis.

Seria prohibida á noite a exploração de animatographos e consentidos durante todo o dia.

O theatro deve considerar-se hoje, visto o interesse que desperta nas multidões, como o mais efficaz elemento de educação popular.

O author prepara a forma e os artistas dão-lhe o brilho e o relevo que exercem toda a influencia no animo dos espectadores. O theatro n'estas circunstancias, educa e moralisa o povo, sensibilisa o, encaminha-o para o bem e faz-lhe conhecer os seus direitos e deveres. Estimula-o a estimar aquelles que nobilitam a patria, a pôr de parte o odio, presar a virtude, aborrecer o vicio, e detestar o crime.

Pois se esta influencia é tão poderosa ou mais que a do professor da escola, aproveite-se, tornando-a dependente de um ministerio de instrucção.

Considerem-se como funcionarios d'elle, esses escriptores e artistas que tão beneficos resultados conseguem, e remunerem-se razoavelmente.

Difinam-se os generos em trez classes.

Concedam-se premios ás obras que maior exito consigam obter, dando o privilegio da publicação a qualquer casa editora que se compromettesse a editar a collecção das que, n'aquellas circunstancias, se vão succedendo durante cada anno.

Ficava assim assegurada para o futuro, a historia do movimento litterario e do progresso da arte scenica em Portugal.

Bem procedeu o governo confiando os destinos do theatro portuguez a dois escriptores ainda moços, cheios de vontade, de energia e de merito, os srs. Julio Dantas e Augusto de Castro, que tanto zelo e decidido afan tem demonstrado, prestando apreciaveis serviços ao theatro nacional, apesar das contrariedades para o elevar á altura em que elle deve manter-se, pelo menos com o esplendor que por vezes ostentou com extraordinario brilho e plena satisfação das turbas.

O sr. Augusto de Castro teve ponderações muito felizes na sua conferencia, acolhidas com manifesto agrado pelos ouvintes que ao terminar o saudaram com estrepitosas salvas de palmas. O sr. Presidente da Republica felicitou-o apertando-lhe affectuosamente a mão, o sr. presidente do governo dispensou-lhe palavras animadoras abraçando-o e o sr. ministro do interior convidou-o a ir ao seu gabinete para tratar do que podia fazer para auxiliar os seus planos. Oxalá que tão justas manifestações lhe suavisem as agruras do encargo.

FRANCISCO SERRA.



A romaria do Espirito Santo em Coimbra

Ha tres dias bem compridos, que eu recostado no peitoril da minha janella contemplo o vai vem dos entusiasmados romeiros.

Conhecem a minha janella? Pois á minha fé lhes juro que outra não ha melhor para assistir a taes espectáculos. Fica á beira da rua, alumando fartamente o meu modesto quarto de estudante com as suas seis vidraças arruinadas — duas delias pelo menos a pedir concerto. Pois é alli atravez dos vidros, a pé firme, que eu assisto á tradicional e sempre festejada romaria do Espirito Santo. Alguns, raros minutos fugitivos escapome pela porta e deixo-me levar na mó turbilhante do povolêu, que nesta semana vem espaiar-se cuidados a estes sitios abençoados. Mas algum encontrão mais sacudi-lo (quando não é o girar duma duzia de cacêtes!) força-me logo a procurar o meu socegado retiro. Embora isso pareça inverosimil sinto-me bem sózinho, afastado deste medonho reboliço. Que, afinal, ninguém pôde dizer com verdade que vivendo aqui esteja isolado da festa, embora escondido no mais recondito de sua casa. Ainda alta noite, antes do cacarejar dos gallos, nos chegam aos ouvidos os rumôres distantes dos «devotos». Gemidos de guitarras desafinadas, com acompanhamento de violas e ferrinhos, cantigas alegres e vózes estridulas entrecortadas de «soluções e arrôtos» originados dos «mata-bichos» nas tabernas, — tudo

isso vem até nós numa arrelia crescente, indistintamente, confusamente primeiro, depois mais nítido e certamente mais maçadôr. Mas ainda bem que nem tudo são espinhos. Já me aconteceu acordar deliciado com as harmonias dum violino; e pareceu-me adivinhar, pela toada plangente, que se tratava dum musico céguinho — dêsse desgraçado a quem falta a luz dos olhos, mas a quem sobra a luz do espirito. E ainda agora scismo nesse velho — devia ser um velhinho recurvado e rôto — que tem passado a vida arrimado a um bordão ou a uma creança, dormindo ao relento nos caminhos, e desferindo accordes com o seu arco magico em troca duma esmola escassa...

Ha tres estirados dias... (já vae hoje em quatro) nem um instante sequer pude descansar ainda no seio acariciadôr dos meus livros prediletos. Se começo uma pagina, logo se levanta um côro infernal de campainhas, chocalhos e cégarregas; tangidos num phrenesi que desespeira. E quem paga os maus humôres da gente são os livros (pobres companheiros de horas tristes...) atirados sem compaixão, desdenhosamente, para cima do primeiro móvel que se nos depára, enquanto os outros se riem da feia acção, bem postos e alinhados na estante...

Não ha meio nem subterfugio possiveis de se descansar um momento. O melhor é occupar o meu posto embuçado na capa, (às vezes está um frio de gelar os ossos!) e muito á vontade ou contrafeito espiar o movimento dos festeiros.

Lá vem uma ranchada. A' frente um homem novo com fato domingueiro, calça de bocca de sino, jaleca pela cintura, lenço bordado, em volta do pescoço, para não estragar o colarinho branco e a gravata côr de sangue, de cigarro atraz da orelha e raminho ao peito e no chapéu, todo ancho e vaidoso na sua qualidade de chefe da caravana, executa numa harmonica as valsas que lhe vêm á cabeça, ou os bailados mais phantasticos e desconexos, que se pôdem imaginar. Atraz delle, rapazes e raparigas cantam e dançam diabolicamente com géstos desenvoltos e requebrados, fazendo lembrar o batuque dos sertões. Nos trajes das moçoilas predominam os tons garridos: o vermelho, o amarello, o vêrde em mil combinações, nas quaes por vezes sossobra o bom gosto. Depois desta ranchada vem outra e logo outra; por fim contam-se ás dezenas. Tambem apparecem familias pacatas com a merenda num cêsto, que apóz uma visita ao arraial vão estirar-se á sombra dos pinheiros. A' mistura com a arraia-miúda, muitas senhoras e muitos estudantes desforram se numa semana, ao ar livre, da quasi perenne clausura, sob têlhas, na athmosphera tórva da cidade. E afinal de contas, diga se a verdade: esta festança sem ter a alegria e a beleza das romagens minhôtas, não deixa de ter tambem a sua graça. A' margem do caminho, da minha porta á igreja, enfileiram-se tendas peçadas de louças de barro, onde se pôdem comprar — quando se não rapinam — desde a bilha tósca e mal trabalhada até ás jarras e amphoras, com

relêvos artisticos. Tambem não faltam as diversões de toda a especie: rolêta e rodas de fortuna, e até mesmo um theatriinho armado em lona, a cuja entrada um palhaço de dominó berrante e a face coberta de alvaiade, agitando furiosamente uma campainha desde manhã até á noute, apregôa «que vae começar o espectáculo» em sons gutturaes de metter medo. Lá dentro,



TIPOS DE SANTO ANTONIO DOS OLIVAES

num scenario primitivo, exhibem-se máscaras e fantóches, que fazem bater as palmas ás creanças, de contentes...

Como vêem nada falta para tornar aprazivel a tradicional e sempre festejada romaria do Espirito Santo. Até os adoradôres de Bacho, que são o maior numero, têm tabernas que farte, por essa estrada fóra.

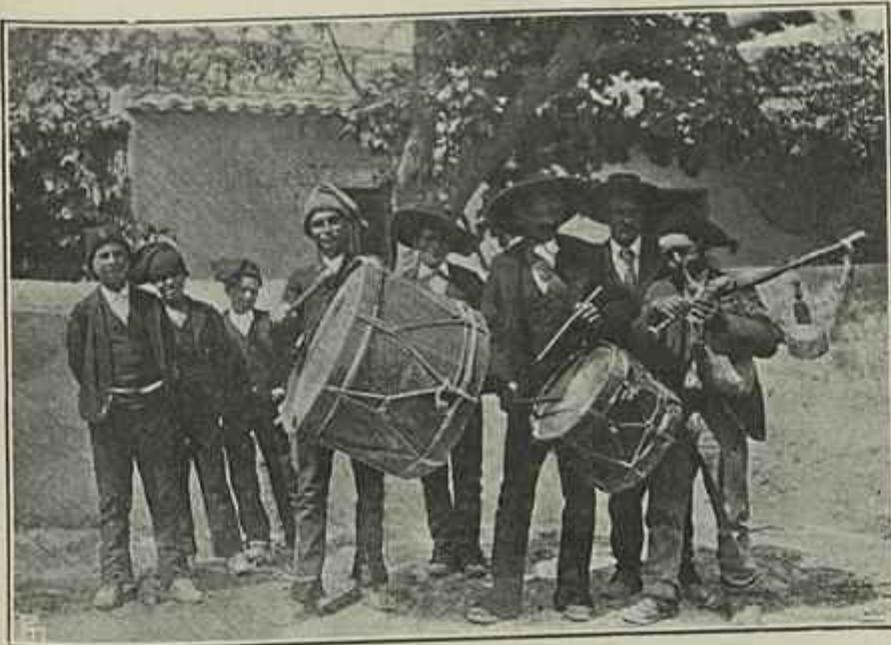
Demais, além do vinho, todo elle mais ou menos avariado, ha vendedôres ambulantes com bebidas para todos os paladares e para todas as bôlsas: desde o reles pirolito a vintem, até ao cubicado refresco de morango ou de groseilha, a tostão...

Pormenor curioso desta festa: não ha um unico visitante, por mais timorato e mísero que seja, que não leve d'aqui como recordação uma campainha, uma cornêta ou um assobio, de que resulta uma algazarra verdadeiramente infernal, quando os ranchos descem, alta noite, a caminho de suas casas...

Santo Antonio dos Olivaes, 14 de maio de 1913.

MANUEL DA GRANJA.

A historia não é propriamente mais que uma satyra contra a humanidade. — Weber.



OS GAITEIROS NA ROMARIA



NA DOCA DE ALCANTARA, LANÇAMENTO AO MAR DO BARCO «FREDERICO» PERTENCENTE AO SR. ANTONIO JULIO LOPES

O BARCO «FREDERICO» NO ESTALEIRO DO SR. JOÃO JOSÉ SPINOLA, EM ALCANTARA

(Clichés Fernandes)

Uma festa popular se realisou na doca de Alcantara e foi a do lançamento ao mar, de um barco pertencente ao sr. Antonio Julio Lopes. Ao barco foi posto o nome de «Frederico» que é o de um filho do sr. Lopes, o qual, na occasião do barco entrar na agua, fez explodir uma garrafa de achampagne contra a prôa do mesmo. E' esta

uma cerimonia que se pratica nestes actos e de que nem todos saberão. O novo barco é uma construcção feita no estaleiro do sr. Spinola. Haive depois um almoço oferecido pelo sr. Lopes aos seus convidados, que decorren muito alegre e em que alguns artistas tocaram varios trechos musicaes.

